

Lazer só mesmo na base do improviso

O lazer na Ceilândia se caracteriza pela improvisação. A cidade-satélite não possui parque infantil, praças de esportes — a não ser campus de várzeas e as quadras de colégios. Alguns de seus habitantes — como ficou constatado durante a reportagem — se divertem em Taguatinga, e o sonho de muitas crianças é ir ao Parque Rogério Phinton Farias, “nadar na piscina de ondas”, sonho este quase impossível de ser concretizado para a maioria.

No centro da Ceilândia uma roda de meninos brincava de luta livre, e no seu relato soube-se que as brincadeiras são “chicote queimado” — um menino fica batendo a corda no chão e outro pula, para não triscar na corda, se isso acontecer o que pula perde —, “pique-pega”, etc. A improvisação mais uma vez faz parte destas brincadeiras com a “bandeirinha” — a garotada se divide em dois times, em dois campos, quando um dos jogadores passa da linha divisória tem como objetivo atingir o “gol do adversário” com a bandeira. O time oposto tenta pegá-lo, quando consegue, imobiliza-o.

“Aqui é ruim porque não tem um parque para brincar”, diz Luiz Carlos Soares, 12 anos, um dos meninos do grupo de luta-livre. Ele fala que brincar de bola é difícil, porque não existe campo de futebol. As praças “só têm árvores e lugar para sentar”. De vez em quando ele vai ao “Clube Roque” — que na verdade é o Parque Vivencial, localizado em Taguatinga Sul, “porque é grátis”. Luiz Carlos faz um apelo às autoridades do Distrito Federal: “Era bom que fizessem um clube em que as crianças não pagassem nada e os adultos só a metade”.

A vida da garotada, quanto a divertimentos, está restringida durante a semana, porque quase todos ajudam em casa lavando louça, passando pano no chão, etc. Aos sábados trabalham em vários locais, em atividades diversificadas, como vigiar carros em estacionamentos ou levar as compras das

donas-de-casa nas moradias. Segundo este grupo, o melhor dia é o domingo, porque estão dispensados dos afazeres domésticos e podem ver os amigos.

OPÇÕES

As pessoas da faixa etária entre os 15 a 23 anos têm como opção de lazer as festas de Taguatinga ou os bailes promovidos na Ceilândia, que na opinião de Salvador Granja Marques, são bons, mas perigosos. Ele freqüenta, nos fins de semana, o “Quarentão”, um clube dançante no centro da cidade-satélite, que cobra Cr\$ 100,00 pelo ingresso. “Sempre dá briga, uma vez mataram uma mulher que estava vendendo maçãs, que não tinha nada a ver com a história”, acrescenta.

Sua irmã freqüente, durante a semana, o CEBEM — Centro para o Bem-Estar do Menor, que oferece à juventude ceilandense piscina, quadras de esportes, lanches. Afóra estas opções, Salvador ainda vai ao cinema — a cidade tem dois, que apresentam filmes de péssima qualidade, violentos, como “Bruce Lee contra o Ladrão Sangrento”. De qualquer maneira ele sentecia, com a experiência na cidade: “É perigoso se divertir aqui, quando saio é com uma turma, porque sair sozinho é “fria”.

Outro jovem, Gilmar José Rodrigues, que mora na Ceilândia, declara que não se diverte lá, apenas trabalha. Nos fins de semana vai à casa de amigos que residem em Taguatinga e por lá fica, indo às festas do Clube Primavera. “Aqui não tem nada de diversão”, garante, afirmando ainda: “Não tenho nem um amigo na minha rua”. O que Aurora Ferreira de Souza confirma. Com 22 anos ela não trabalha e nem estuda, e seu programa é ir à igreja aos sábados e domingos. De vez em quando ela vai a uma festa de aniversário em casa de amigos, o que é raro. E sentencia: “Todo mundo fica em casa, aqui na Ceilândia não tem lazer para a gente”.



A “pelada” ainda é a melhor diversão das crianças